

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

ALGUMAS MARCAS DE OLEIRO EM "TERRA SIGILLATA" DE VIPASCA, ALJUSTREL.

FERREIRA, O. da Veiga

Ano: 1964 | Número: 74

Como citar este documento:

FERREIRA, O. da Veiga, Algumas marcas de oleiro em "terra sigillata" de Vipasca, Aljustrel. *Revista de Guimarães*, 74 (3-4) Jul.-Dez. 1964, p. 317-322.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Algumas marcas de oleiro em «terra sigillata» de Vipasca (Aljustrel)

Por O. DA VEIGA FERREIRA
e R. FREIRE DE ANDRADE.

As escavações em Aljustrel, na antiga Vipasca, tomaram grande incremento a partir de 1951, com o valioso apoio do saudoso Engenheiro Van Vliet, Director da Societé Minière de Aljustrel, e puseram a descoberto várias ruínas, entre elas, o grande cemitério de Valdoca e um grande edifício no local da Transtagana. Quer num sítio, quer no outro, descobriram-se antigualhas lusitano-romanas da mais alta importância, acerca das quais algumas notas já foram por nós publicadas (1).

As marcas de oleiro são na maior parte provenientes desse edifício da Transtagana, que nós supomos tenha pertencido ao *Procurator* das minas de Vipasca, como é designado na célebre tábula de bronze de Aljustrel.

Há duas marcas encontradas em Valdoca, uma das quais ilegível. Juntamos a estas, duas outras ali encontradas há anos e que também já foram por nós publicadas (2).

O estudo destas marcas de oleiro identificadas em Aljustrel deu-nos o seguinte resultado:

(1) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Minerações romanas de Aljustrel». *Com. Serv. Geol. de Portugal*. T. XXXV, Lisboa, 1954; «Nótula sobre duas lucernas «bilychnis» achadas em Aljustrel. *Rev. de Guimarães*, Vol. LXVII, Guimarães, 1957; R. Freire de Andrade, O. da Veiga Ferreira e Abel Viana, «Necrópole céltico-romana de Aljustrel». *XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, Coimbra, 1957.

(2) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Minerações...», cit.

1 — ANI que interpretamos por ANIUS, La Graufesenque, período Tibério-Nero (14-68 A. D.). Há vários oleiros com o nome de Anius. Podemos apontar pelo menos três: C.ANNIUS, L.ANNIUS e SEXTUS ANNIUS estes todos de Arezzo. A marca de Aljustrel, só com ANI, parece nos antes pertencer, realmente, a La Graufesenque. Esta marca foi assinalada em Briteiros e em Tarragona. Fora da Península, em Mainz, Limoges, Bordéus e Colónia (1).

2 — A segunda marca (*Fig. 9*) identificada é ATEI que interpretamos por ATEIVS. Esta oficina laborou em Arezzo nos últimos anos do século I a. C. Encontrou-se nas Represas (2) e é muito abundante em Tarragona (3). Foi identificada também na Egitânia (4).

3 — Na terceira marca (*Fig. 1*) lê-se perfeitamente EX. OF. CAN, da oficina CANVS, La Graufesenque, período Tibério-Cláudio (14-54. A. D.). Assinalada nas Represas e em Alcácer do Sal (5). Abundante em Tarragona e Ampúrias. Aparece também em França, em Vertault, segundo Lorimy, citado por Nunes Ribeiro.

4 — A quarta marca (*Fig. 6*), apresenta-se bem nítida com CAPITO, oleiro da Gália do Sul do período Cláudio-Nero (41-68 A. D.). Muito abundante em Tarragona, segundo Ventura Solsona. Desconhecida até o presente em Portugal.

5 — No quinto *sigillum* identificado, apenas se lê EX. OF. C. que interpretamos por CASTVS, La Graufesenque, período Cláudio-Vespasia (41-69 A. D.). Citada por Bairrão Oleiro, em Fiães da Feira e no Mollão. Apareceu na Egitânia (Fernando de Almeida e Veiga Fer-

(1) J. M. Bairrão Oleiro, «Elementos para o estudo da «Terra sigillata» em Portugal. *Rev. Guimarães*, vol. LXI, Guimarães, 1951.

(2) F. Nunes Ribeiro, «Terra sigillata» encontrada nas Represas — Beja. I — *Marcas de Oleiro*. Beja, 1959.

(3) Ventura Solsona, *Memórias de los Museos Arqueológicos Provinciales*, IX-X, Madrid, 1950.

(4) D. Fernando de Almeida e O. da Veiga Ferreira, *Marcas de «terra sigilata», encontradas na Egitânia*. (No prelo).

(5) J. Leite de Vasconcellos, *O Archeologo Português*, vol. XIX, p. 303, Lisboa, 1914.

reira), Ampúrias, Tarragona, Sagunto, Lucentum, Bello, etc. No Norte de África, em Cherchel e ainda em Londres, Favershams, e na Sardenha (Cagliari e Bordighera).

6 — A sexta marca, em duas linhas CHRE/I...STNI, (*Fig. 4*), parece que só poderá pertencer ao oleiro CHRESTVS, da Gália do Sul da época dos Flávios. Segundo Bairrão Oleiro apareceu em Milreu. É assinalada também em Tarragona por Ventura Solsona. Em África é conhecida em Cherchel e em Cartago.

7 — Na sétima marca (*Fig. 12*), lê-se EX. OF. CO que poderá ser COELI ou COCI. Na realidade é muito difícil dizer a qual dos dois oleiros pertence esta marca. Qualquer delas, foi pela primeira vez encontrada em Portugal, por Nunes Ribeiro na estação das Represas (1). Esta estação, nas imediações de Beja, é a mais próxima de Aljustrel.

8 — A oitava marca (*Fig. 7*) está representada por dois selos: EX. OF. CR., e CR. OF. que devem representar CRESTVS, já conhecida em Aljustrel (A. Viana, F. Andrade e V. Ferreira) por CRESTI, pelo que nos parece acertada a nossa interpretação. CRESTIO ou CRESTUS, de la Graufesenque, período de Cláudio-Vespasiano (54-69 A. D.). É bem representada no nosso país: Azinhal, segundo Hübner; Citânia de Briteiros, segundo Serpa Pinto (2); Mário Cardozo também a cita (3). Fiães da Feira, Torre de Ares (*Balsa*), Ampúrias, Tarragona, Sagunto, Lucentum, Belo, Vila Verde, Granada (*Cesarion*), etc. (segundo Bairrão Oleiro).

9 — A nona marca (*Fig. 13*) aparece-nos com dois selos: EX. OF. F., que interpretamos por FUSCVS, de La Graufesenque, do período Nero-Trajano (54-117 A. D.) e que apareceu no Molião, segundo Bairrão Oleiro. Nas Represas, segundo Nunes Ribeiro, também foi encontrada. Abundante em Tarragona, Ampúrias e Belo. Fora da Península, em Londres, Amiens, Nîmes, Veichten, etc. (v. Bairrão Oleiro).

(1) F. Nunes Ribeiro, «Terra sigillata...», cit.

(2) R. de Serpa Pinto, «Museu de Martins Sarmiento, III «Terra sigillata», vol. XXXIX da *Rev. Guimarães*, 1929.

(3) Mário Cardozo, *Citânia e Sabroso — Notícia descritiva*, 1948.

10 — A marca EX. OF. GO, que se lê perfeitamente, não sabemos a que oleiro pertencerá. Nos trabalhos publicados que consultámos, não encontramos marca alguma de oleiro começada por aquelas duas letras.

11 — Na marca seguinte lê-se OF. LO, que poderá ser talvez do oleiro LORIVS ou LOGIRNVS. Oswald cita um Logirnus, de La Graufesenque e Montans, do período dos Flávios (1). Hübner cita, no C. I. L., um Lorius ou Lorii. Aparece esta marca em Tarragona, segundo Ventura Solsona. É nova em Portugal.

12 — Esta marca (*Fig. 8*), apresenta a leitura NIC, que interpretamos por NÍCIVS ou NÍCIO da Gália do Sul, talvez da época dos Flávios. Encontra-se em Lucentum com as variantes OF. NIC., OF. NI e NÍCIO.

13 — Nesta marca (*Fig. 2*) lê-se OF. II. ROMA, que pertenceu ao oleiro ROMANVS do tempo de Nero-Vespasiano (54-79 A. D.), La Graufesenque. Aparece em Tarragona, segundo Ventura Solsona.

14 — Na décima quarta marca, (*Fig. 5*) lê-se, com certa dificuldade, SECVND, que podemos interpretar por SECVNDVS. O oleiro Secundo está representado nas Represas, (v. Nunes Ribeiro), e é de La Graufesenque, período Cláudio-Vespasiano (41-79 A. D.). Já tinha sido assinalada em Portugal por Bairrão Oleiro.

15 — Na décima quinta marca, (*Fig. 3*), lê-se nitidamente OF. SEMP, que interpretamos por SEMPER (*onii*) da Gália do Sul, período Cláudio-Nero (41-54 A. D.). Foi encontrada em Conimbriga, segundo Bairrão Oleiro e na Egitânia (D. Fernando de Almeida e Veiga Ferreira). Últimamente foi assinalada no Padrãozinho (Elvas) num vaso do tipo Drag. 15-17, depositado no Museu do Paço Ducal de Vila Viçosa (2). Ventura Solsona assinala-a em Tarragona.

16 — Na marca agora apresentada, (*Fig. 14*) pode ler-se EX. O. VAP, ou VAL, que interpretamos de acordo com Bairrão Oleiro por VÁLERIVS & PATRICIVS, da Gália do Sul, talvez do período dos Flávios.

(1) Felix Oswald, *Index of Potters' Stamps on Terra Sigillata*. Margidunum, 1931.

(2) A. Moutinho de Alarcão, «Algumas peças de «terra sigillata» na secção arqueológica do Paço Ducal de Vila Viçosa». *Conimbriga*, II-III, Coimbra, 1960-1961.

Segundo ainda Bairrão Oleiro, é conhecida esta marca em Conimbriga com OF. VA. PA., em Tróia com OF. VAL. PAT. (segundo Hübner). Nunes Ribeiro encontrou-a nas Represas, com OFVAPA?, e ultimamente, A. Moutinho de Alarcão assinalou-a no Padrãozinho (Elvas) em vasos da forma Drag. 31, com as marcas EXOFVALIAT, OF. VA PAT e EXOFVAPA. esta última da Herdade de Serrones (Elvas). Fora de Portugal é conhecida em Ampúrias, Tarragona, Museu de Mérida e Museu de Sevilha e ainda em Belém (1) e Stockstadt (em formas 18-31) (2).

17 — A última marca de Aljustrel (*Fig. 11*) já havia sido asisinalada por nós, há anos. (3). Trata-se do selo VERI só conhecido ainda em Portugal em Vispasca. Interpretamos como VERECVNDVS ou VERE(*cundis*) de la Graufesenque, período de Claudio-Vespasiano (41-69 A. D.). Ventura Solsona cita-a em Tarragona com as variantes VERE, VERI e VEREC.

Nas marcas agora estudadas verificamos que 10 delas são de La Graufesenque, as restantes são da Galia do Sul, com excepção de uma que é de Arezzo.

Todos os vasos aqui estudados se situam no século I A. D. e princípios do século II, desde 14 até 117, com excepção da marca de Arezzo que pertence aos fins do século I a. C.

BIBLIOGRAFIA

Além das obras citadas, em nota infrapaginal, indicamos mais as seguintes, que consideramos fundamentais para o estudo das marcas em «terra sigillata», de Portugal:

- A. MOUTINHO DE ALARCÃO, «Sigillata hispânica em Museus do Norte de Portugal», *Revista de Guimarães*, 1958.
 H. CONFORT, «Some roman pottery in the Museu Etnológico, Belém», *Conimbriga* I, Cimbra, 1959.

(1) H. Comfort, *American Journal of Archaeology* 57, 1953.

(2) Oswald, *Index...* cit.

(3) Abel Viana, R. Freire de Andrade e O. da Veiga Ferreira, «Minerações...», cit.

- J. CASADO EGUREN, «Estudios sobre «terra sigillata» hispânica», *Cuadernos de História Primitiva*, Ano I, n.º 2 Madrid, 1946.
- A. W. FROTHINGHAM, *Sigillate pottery of the Roman Empire*, New-Yorq, 1937.
- G. CHENET E G. GAUDRON, *La céramique sigillée d'Argonne des II et III siècles*, Paris, 1955.
- F. HERMETT, *Les graffites de La Graufesenque*, Rodez, 1923.
— *La Graufesenque*, Paris, 1934.
- E. HÜBNER, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II e Supl.
- E. JALHAY, «Um vaso de olaria rutena na Citânia de Sanfins», *Brotéria*, vol. XLVIII, fasc. 3, Lisboa, 1949.
- F. OSWALD, *The terra sigillata of Margidunum*, Nothingham, 1948.
- F. OSWALD E PRICE, *An introduction to the study of terra sigillata treated from a chronological stand point*. London.
- PH. DE SCHAETZEN, *Index des terminaisons des marques des potiers gallo-romains sur terra sigillata*. Col. Latomun, Bruxelas, 1956.
- H. B. WALTERS, *History of ancient pottery*, London, 1905.
— *Catalogue of the Roman Pottery in the Departements of Antiquities of the British Museum*. London, 1908.



1



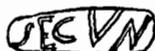
2



3



4



5



6



7



8



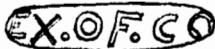
9



10



11



12



13



14

Marcas de «terra sigillata» encontradas em Vispasca (Aljustrel)